Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 798

28 DE FEVEREIRO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CASAMENTO DA RAINHA DA HOLLANDA

S. M. A RAINHA GUILHERMINA E O DUQUE MECKLEMBURG-SCHWERIN

CHRONICA OCCIDENTAL

Na ordem do dia está o Luciano das ratas.

Melhor fôra dizer das ex-ratas, pois que rata que elle visse deixava de sel-o.

Triste vida levou o homem. Dias e dias, de lanterna como Diogenes, brandindo o cacete com maior denodo que Alexandre a espada, na escuridão pouco aromatica dos canos, percorrendo toda essa cidade baixissima, eram por milheiros que se contavam os cadaveres que fazia.

Todas as manhãs os jornaes se referiam aos morticinios. A camara municipal pagava-lhe a vintem cada ratazana morta. O Luciano recebia um ordenado de primeiro official e era uma vida feliz que o homem levava. Quem se lembrasse de escrever a Lucianea comporia talvez um poema soberbo. As ratazanas em pyramide formavam o pedestal, onde o grande raticida havia de passar á posteridade. Era um heroe prestimoso e digno de consideração. Trabalhou pela hygiene.

E vai d'ahi, demittiram-o!

Mas bom patrono achou, póde estar descançado. O sr. Ferreira d'Almeida, n'uma das ultimas sessões da camara dos pares, depois de varias considerações sobre o alargamento da rua do Arsenal, vantagens que o governo teria em obter os navios da Mala Real para transporte de tropas, e local a preferir-se para os cemiterios, fez a apologia do matador de vinte e quatro mil e quatrocentas ratas, que passeavam pelos canos de Lisboa, lembrando que esse homem que, para melhor saude dos outros, deu cabo da propria saude, bem merecêra um premio do estado.

E os pares todos, e nós com elles, dissémos apoiado ao sr. Ferreira d'Almeida.

É que nos boletins das camaras deu-nos muito na vista a questão do benemerito Luciano entre muitas da maior transcendencia, envolvida no mesmo artigo em que se elogiava o bello discurso do sr. Hintze em resposta ao leader da maioria e as propostas do sr. ministro da Fazenda.

Se variadissimo é o epitheto com que todas as emprezas de circo mimoseiam os seus espectaculos para chamar concorrencia, que mais atrahente e variado querem então achar fóra da politica? Aqui sim, tudo se discute, d'ella surgem as maiores surprezas. Imposto predial, contribuições sumptuarias, concessões do ultramar, caso Calmon, ratazanas mortas, que bello programma!

Mas sabem afinal? O sr. Ferreira d'Almeida apresentando á camara o requerimento d'um humilde, que, aliás, prestou serviços, tornou-se devéras sympathico e deu provas de um bom coração.

Deixem do meio de tantas discussões habilidosas, de projectos e emendas, em que os esgrimistas notaveis, a botes secretos de ha muito estudados, respondem com maior sciencia que a do Frade da *Bocca do Inferno*, deixem que, do meio de tanta embrulhada vistosa e de questões do maior alcance ou transcendencia, saia uma esmola luminosa para um desgraçado que a merece.

Muito se tem falado ultimamente de politica, que os casos que se tem tratado nas camaras são devéras importantes. Outro assumpto discutido foi o do Marquez de Soveral, ultimamente nomeado Conselheiro de Estado, dando razão á voz publica que, em seguida á morte do Conde de Valbom, logo indicou para substituil-o no honroso logar o nome do nosso ministro em Londres.

Como os tempos mudam! Quem diria, ha dez annos, que assim havia de ser acceita sem relutancia a alliança ingleza? Um dos ultimos numeros d'um jornal illustrado francez, rememorando o odio que em 1890 se votava em Portugal á Inglaterra, publicava a phototypia d'um sobrescripto de que n'esse tempo fazia uso uma casa commercial portugueza e onde umas linhas impressas desfavoraveis á Gran-Bretanha recommendavam não nos esquecermos do ultimatum. Não indo muito mais atraz que descompostura não davam os francezes na Russia, quando eram todos pela Polonia!... Como os tempos mudam!

Terriveis são as descomposturas que ficam. Os factos que lhes deram razão passam; mas se a descompostura é das boas, ai de quem as apanha!... Ai de José Agostinho descomposto por Bocaje, ai de nós que nos descompoz Lord Byron!

Por isso, por muito que nos houvessemos revoltado, por muito que aguçassemos os dentes e preparassemos o veneno dos nossos odios, tudo era pouco, por que muito mais duradouras que as nossas feridas hão de ser as paginas do *Child Harold*.

Para nossa consolação restam-nos as explicações que Garrett, immortal como Lord Byron, nos deixou do odio votado pelo poeta inglez ao

povo lusitano. Segundo o auctor das *Viagens na minha terra*, o pae da tremendissima satyra tinha certa parte do corpo muito dorida pela bota applicada a tempo por um portuguez pouco respeitador de poetas e, se não nos enganamos, d'animo pouco disposto a aturar madrigaes a pessoas de sua familia. D'ahi o desenvolver da colera em verso contra os habitantes d'essas regiões encantadas, que se chamam Cintra, e de seus arredores.

Ora todo o inglez que hoje vem a Portugal corre logo a Cintra e lá relê ou relembra as paginas do *Child Harold*. A descripção é preciosa, é digna d'aquelle paraizo unico no mundo. O inglez por lá anda espalhando pela serra os seus *âohs!* caracteristicos de sua admiração official. Dá um olhar distrahido ao palacio real, mette-se em carruagem ou monta n'um burro e vai estrada fóra até Setiaes, a Penha Verde, a Monserrate, raras vezes ate Collares, trepa até S. Pedro, trepa ainda até á Pena, desce aos Lagos, e vem, serpenteando pela encosta da serra, outra vez até ao hotel Lawrence. Dá razão com certeza a Lord Byron na discripção enthusiastica que o poeta faz da serra de granito, toda sombreada pelos pinheiros, castanheiros, culmeiros e tilias gigantes. Dará razão ao poeta no que diz dos habitantes?

Não cremos. Um inglez, ha pouco fallecido, demonstrou pensar exactamente o contrario.

Em Cintra viveu os melhores annos da sua vida e em Cintra creou um dos mais bellos jardins da Europa, um dos rarissimos em que as plantas do norte, os fetos de Inglaterra, vicejam ao lado das mais lindas palmeiras tropicaes.

Francis Cook, Visconde de Monserrate, chefe d'uma das mais importantes casas commerciaes de Londres, era em Cintra que descançava das fadigas do seu labutar de negociante, tendo comprado a opulenta propriedade de Monserrate, notavel por sua excepcional formosura e por ter sido, durante annos, a morada do celebre William Beckford, que tão interessantes memorias deixou da sua estada em Portugal. Francis Cook morreu em Londres, com 86 annos de edade. Sua viuva é uma escriptora distincta, que muito auxiliou sempre seu marido nos muitos actos de verdadeiro cuidado, que tão queridos tornaram seus nomes em Portugal e Inglaterra.

Lady Cook tem dedicado toda a sua intelligencia á causa da emancipação feminina e desde muito nova, na America do Norte, d'onde é natural, tornou seu nome conhecidissimo.

Em certos trabalhos, que d'antes eram quasi previlegio dos homens, vão-se as mulheres mostrando notaveis e tanto que se tornaram dignas das recompensas que só ao sexo feio pertenciam. Assim foi que El-rei, ha dias, concedeu a duas senhoras portuguezas, facto sem precedentes, o officialato de S. Thiago. Uma joia sempre fica melhor ao peito d'uma senhora, e com certeza as agraciadas mereciam, como entre nós muito poucos escriptores, a graça concedida. A sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho é conhecida de quantos em Portugal estimam as boas letras; são preciosos seus volumes e suas chronicas. A sr.ª D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, pelas suas obras eruditas sobre philologia e velhos classicos portuguezes tem o seu nome ligado ao dos mais benemeritos trabalhadores das letras.

Tempo houve em que só escravos trabalhavam e citavam-se com espanto os nomes das mulheres que sabiam latim e dos principes que mais ou menos correctamente sabiam ler e escrever. Um sêllo sobre um pedaço de cera derretida era quanto lhes bastava.

Pois ha dias esteve em Lisboa um principe a quem, *si vera est fama*, alguma coisa devem os progressos da sciencia. No seu hiate veio de visita ao Tejo o Principe de Monaco, d'essa terra bemaventurada para os monaquenses, que não pagam contribuições e todos vivem á grande, melhor do que á franceza, dos rendimentos da batota.

Com certeza o Principe lançou um receoso olhar para Cascaes, que muitos pensaram converter em verdadeiro rival de seu principado. Mas não; as roletas estão socegadinhas e apenas meia duzia de inconvertiveis batoteiros zombam das ordens do sr. Hintze, puxando ás escondidas, em trapeiras escusas, o rabinho á sota.

O Principe de Monaco, entretanto, vai gosando a vida, fazendo seus descobrimentos nos oceanos, flora maritima e correntes, e em suas viagens de recreio bem se lembra que para augmento de sua lista civil, ha de sempre haver a essa hora meia duzia de inglezes a perderem umas libras no tapete verde da luxuosa casa de batota afamada. Feliz viagem a sua alteza.

Viagens de recreio!... Que differenças tambem por esses mares, onde talvez o hiate principesco encontrasse proximo da barra o navio que conduzia para o degredo o famoso medico, criminoso repugnante, hoje desgraçado Urbino de Freitas!

O que esse crime commoveu a população inteira de Portugal, a cada passo da policia, a cada documento junto ao processo, um dos mais volumosos que se têem julgado em tribunaes portuguezes!

Mas isso foi ha tantos annos, que já poucos se interessaram por ver o criminoso, que, no dizer de alguns jornaes, mostrava boa apparencia e até certa alegria.

Casos velhos! Na ordem do dia está agora a questão religiosa, em Portugal como Hespanha, motivada por casos quasi identicos, a malograda entrada para um convento de duas senhoras, contra vontade de suas familias. Em Madrid ha socego; no Porto ainda não por emquanto, dividindo-se muito nos dois paizes a opinião.

Hespanha e Portugal juntos mais uma vez se commoveram; hespanhoes e portuguezes mais uma vez se abraçaram agora no Porto e em Coimbra, por motivo da vinda da tuna compostellana ás duas cidades.

Festas e mais festas! Muito applauso, muita alegria! Muito vivorio aos estudantes gallegos, a que estes corresponderam com enthusiasmo.

Mocidade! Recordaram-nos as noticias esses dias em que a cidade se encheu de luz, quando os estudantes de Coimbra aqui vieram ajudar á festa ao João de Deus. Que alegria por essas ruas! Que variedade de vivas! João de Deus era o rei da festa, mas os vivas eram para todos. Ao passarem por uma casa, onde no segundo andar estavam as criadas a ver a passagem, um estudante gritou:

— Viva o pessoal menor da casa!

E foi uma explosão de applausos!

Rapazes!

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CASAMENTO DA RAINHA DE HOLLANDA

Foi celebrado o casamento da rainha da Hollanda em Haya quinta feira 7 de fevereiro.

No mez d'outubro ultimo por uma proclamação official soube o povo hollandez que Sua Magestade a Rainha Guilhermina decidira casar com o duque Henrique, irmão do duque João regente de Meklembourg Schwerin.

Filha do fallecido rei Guilherme III e da rainha Emma, a nova soberana completou 20 annos em 31 de agosto e o duque Henrique 24 em 19 de abril ultimo.

Tenente do exercito allemão dos batalhões de caçadores e guarda prussianna, uma lei especial conferiu ao duque Henrique a naturalisação hollandeza, tendo tambem a seguir sido nomeado por decretos reaes datados de 30 de janeiro, contra almirante e general do exercito e marinha dos Paizes Baixos e Indias Neerlandezas seu novo paiz.

Precedido o casamento de manifestações de regosijo pela côrte e por ella bem acceite, contou tambem com a aprovação do povo bem manifestada por occasião dos passeios de carruagem dados nos arredores d'Haya pela rainha acompanhada de sua mãe e noivo que foi alvo das maiores manifestações d'apreço e sympathia.

CASAMENTO DA PRINCEZA DAS ASTURIAS

No dia 15 do corrente celebrou-se, pomposamente, na corte de Madrid, o casamento da Princeza das Asturias com seu primo o Infante Don Carlos de Borbón y Borbón.

Casamento de amor, mas que nem por isso deixou de preoccupar a politica do visinho reino, onde o partido liberal viu um perigo para as instituições, o que chegou a exaltar os animos e a ordem publica.

Felizmente tudo serenou e, á proporção que se approximavam as festas do casamento, o espirito publico foi-se acalmando, realisando-se essas festas no meio do enthusiasmo peninsular.

A princeza das Asturias, Maria Mercedes é a filha primogenita do malogrado rei Don Affonso XII e da actual Rainha D. Christina.

O Infante Don Carlos de Borbón y Borbón é filho do Conde de Caserta Affonso e da princeza Antonieta de Borbon-Scicilia, e sobrinho do desthronado rei D. Francisco II de Napoles. Neto de D. Fernando II das Duas Scicilias, que era irmão da Rainha Maria Christina, bisavó da actual Princeza das Asturias.

O Infante Don Carlos de Borbón seguiu a carreira militar em Hespanha, sendo alumno da Academia de Artilharia e passando depois ao Corpo de Estado Maior onde tem o posto de coronel.

El-rei D. Carlos fez-se representar n'este casamento pelo sr. Conde de Macedo, tendo para esse effeito recebido as credencias de embaixador especial, fazendo parte da embaixada os srs. contra-almirante Rio de Carvalho e general Craveiro Lopes, tendo por ajudantes d'ordens os srs. Valle, primeiro tenente da armada e Soveral, capitão de artilharia.

MONUMENTO A CANOVAS DEL CASTILLO

A Hespanha celebrou com uma festa patriotica e levantada o primeiro dia d'este seculo, inaugurando um monumento a um dos seus filhos mais prestantes e notaveis, Canovas del Castillo.

O grande estadista, historiador e tribuno hespanhol, o restaurador da monarchia Borbonica na Hespanha, teve a homenagem dos seus conterraneos e da realeza, pois que o monumento foi feito por subscripção publica, e inaugurado pela Rainha Regente que, por suas regias mãos descerrou as cortinas que encobriam a estatua.

O monumento ergue-se na praça do Senado, e foi seu architecto o sr. Grasses, sendo auctor da estatua e da parte decorativa do monumento o esculptor Joaquim Bilbao.

O nome de Canovas del Castillo como o de Castellar são conhecidos em toda a Europa, e são tambem certamente dos mais gloriosos dos filhos da Hespanha.

CONSELHEIRO DUARTE GUSTAVO NOGUEIRA SOARES

Na ardua e bem espinhosa missão de archivar nomes illustres que se riscam d'entre o numero dos vivos, quasi desanimamos ante a pleiade de prestimosos compatriotas que em poucos dias a morte parece comprazer-se em arrebatar, arrancando-os ao carinho das familias, á estima dos amigos e á dôr d'um paiz inteiro, que vê desapparecer quem por elle tem pugnado, quem o tem servido com lealdade e rectidão e quem o tem alevantado aos olhos do mundo tão pouco complacente.

E' hoje o nome illustre do conselheiro Duarte Gustavo Nogueira Soares que passa ao rol dos mortos, tendo fallecido no dia 15 do corrente.

Nomeado para quasi todos os cargos diplomaticos em que o seu talento e saber eram imprescindiveis, teve occasião de mostrar o seu valor e de ser admirado como diplomata distincto, recto e leal, no Brazil em 1863, França 1866 e 1872, de onde passou a Londres, voltando a esta cidade em 1877, em passagem para Bombaim e Calcutá, Rio de Janeiro em 1886, e ultimamente como facto mais importante da sua carreira, nomeado para estudar e discutir a questão arbitral de Berne que representou mais um triumpho para a sua muito apreciada intelligencia e competencia em assumptos d'essa natureza, o que lhe valeu ser agraciado pelo governo de S. M. com a grã cruz de Christo e a tenção formulada de o elevar ao pariato.

Como jornalista foi collaborador da *Revolução de Setembro*, em que os seus artigos, de preferencia sobre assumptos economicos, eram muito apreciados e discutidos com Fradesco da Silveira e Betamio d'Almeida.

Collaborou tambem no *Commercio do Porto*, escrevendo uma serie de artigos sobre a politica commercial do paiz que foram muito apreciados e foram transcriptos pela *Gazeta de Portugal*, que tinha á sua frente Teixeira de Vasconcellos.

De accordo com Fradesco da Silveira e Betamio d'Almeida publicou um volume de cerca de 200 paginas intitulado: *A liberdade do Commercio e protecção das industrias*.

Era agraciado com a Grã cruz de Isabel a Catholica, de Hespanha, de Francisco José da Austria e de S. Gregorio Magno de Roma; Grande official da Legião d'Honra da França; commendador e cavalleiro de varias outras ordens.

HENRIQUE MENDIA

Falleceu no dia 17 do corrente o professor do Instituto de Agronomia de Lisboa, Henrique Mendia.

Foi verdeira surpreza a morte d'este illustre professor, em plena vida activa, quer na sciencia agricola que elle professava como poucos, quer na politica para que o chamavam os seus vastos conhecimentos e aptidões.

Henrique Mendia nasceu em 18 de fevereiro de 1858.

Lente cathedratico do Instituto de Agronomia de Lisboa desempenhou primeiro as funcções de repetidor e regeu interinanente varias cadeiras com superior profisciencia.

Foi dos que mais luctou pelo renascimento da agricultura no paiz, e n'essa lucta consumiu o melhor da sua vida, estudando e escrevendo para diffundir os conhecimentos agricolas pelos processos mais modernos e mais praticos para o desenvolvimento da grande industria da terra,

Basta annunciar as suas principaes obras para se fazer ideia do quanto trabalhou n'um periodo de tempo relativamente curto.

«Estudos Botanicos.» Conferencia por occasião do tricentenario de Camões. 1880.—«Estudo sobre a fixação e aproveitemento de uma parte das areias moveis das costas de Portugal». These defendida no instituto agricola, 1881. — «Catalogo descriptivo de plantas florestaes». 1881.—«Da possibilidade nos ornamentos florestaes das explorações de alto fuste». Dissertação para o concurso ao logar de professor de silvicultura e economia florestal. 1882.—«Duas palavrás sobre a arborisação das montanhas». No «Jornal official de agricultura». 1873. — «Servidões florestaes». Na «Gazeta dos Lavradores». 1890 —«Breves considerações sobre a propriedade florestal nas suas relações com o estudo». Idem. — «Geologia agricola por D. Juan Villanova y Pera». Idem 1880. — «As confrarias no instituto geral de agricultura».Idem. —«Silvicultura». Idem.—«Apreciação de um livro de estatistica agricola do engenheiro agronomo da provincia de Madrid». Idem.—«Representação da Real Asssociação de Agricultura». Idem. — «Considerações ou analyse dos quadros graphicos, estatistica, relativamente á parte das mattas do Estado». — «Os arrozaes no districto de Coimbra».

Conservava alguns outros estudos e relatorios de não somenos importancia, alguns dos quaes foram enviados ao governo, mas não podemos averiguar se gosaram do beneficio da impressão, como:—«Estudo da flora do Bussaco». — «Estudos sobre fixação das dunas entre o Mondego e o Liz; sobre as dunas de Camaride na foz do Minho; sobre a matta de Ceiça; economia florestal», etc.— «A injecção de madeiras no pinhal de Leiria». — «Estudo sobre a natureza, limite e arborisação dos terrenos situados na Costa de Caparica, etc.

Em junho de 1893 a Real Associação de Agricultura elegeu-o para vice-presidente da direcção, cargo em que foi reconduzido no anno seguinte e depois presidente da direcção até março de 1899.

Fez parte de varios congressos e reuniões agricolas no paiz, em que affirmou sempre os seus vastos conhecimentos scientificos, em conferencias, relatorios etc.

Em politica não o dominou a paixão partidaria e facciosa como infelizmente para ahi se vê muito. Não se compadecia isso com o seu caracter austero e honesto. Parlamentar foi tão brilhante na tribuna como na escola e ainda ha pouco foi convidado para ministro das obras publicas, a que não accedeu, talvez por que o seu estado de saude não lhe permitisse prestar mais esse serviço ao paiz.

A morte prematura de Henrique Mendia que assim o arrebatou á familia que o idolatrava, foi deveras sentida por amigos e todos os que apreciavam as raras qualidades e merecimentos do seu nobre caracter e intelligencia.

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

O cruzador «Patria»

O novo cruzador destinado á marinha de guerra portugueza, de que publicamos o desenho, é mais uma manifestação do grande amor patrio dos nossos compatriotas do Brazil, porque elle vae ser construido com o producto de uma subscripção que os portuguezes residentes no florescente paiz d'alem mar abriram para esse effeito.

O projecto d'este novo cruzador, foi feito no nosso arsenal de marinha e contem todos os aperfeiçoamentos modernos que as construcções navaes tem alcançado. Entretanto consta-nos que não poderá ser começada a sua construcção antes de 1903, pelo que vae ser feita em New-Castle.

O *Patria* será pois um navio nas melhores condições e blindado.

O REI MILAN DA SERVIA

Falleceu em 11 do corrente mez o ex-rei Milan da Servia, contando apenas 47 annos d'idade pois nasceu em Jany no anno de 1854.

Era filho de Maria Katargi, fallecida em 1876, e de Miloch Jephrénovitch fallecido em 1861, filho unico do principe Ephrom Obrenovitch.

Succedeu no throno da Servia a seu primo Miguel que o adoptou por não ter filhos e foi coroado a 5 de julho de 1868 tendo apenas 14 annos de idade.

Durante um periodo de 5 annos foi o principado governado por um conselho de regencia até que a 22 d'agosto de 1873 foi Milan declarado maior tomando então conta do governo.

Em 1874 visitou Vienna o que deu origem a troca de notas com a Turquia em vista da recepção magnificente mais adequada a um soberano do que a um vassallo.

No mesmo anno visitou Paris sendo tambem recebido com grandes distincções e honrarias.

Casando em 1875 com a princesa Nathalia Kechko nascida em maio de 1859 d'esse casamento resultou um filho, o actual rei Alexandre da Servia ultimamente posto em evidencia pelo discutido casamento com a rainha Draga.

Envolvido conjunctamente com os principados dannubianos na guerra entre a Russia e a Turquia só mais tarde poude rehaver a independencia do seu paiz com auxilio da Russia que, em derrotas successivas, venceu a Turquia.

No anno de 1882 foi o principado elevado a reino, havendo por essa occasião grandes festejos e manifestações de regosijo popular.

Em 1885 rebentou a desastrosa guerra entre a Servia e a Bulgaria a qual terminou honrosamente para os servios por intervenção da Austria, pois todas as vantagens até ahi estavam do lado bulgaro.

Divorciado em 1888 da rainha Nathalia abdicou em seu filho Alexandre I, no anno seguinte, e desistiu em 1891 de todos os seus direitos de posição e nacionalidade, tomando então o titulo de conde de Takovo.

Se o processo de divorcio despertou justificado interesse em toda a Europa, não menos assombrada ella ficou quando em 1893 soube da reconciliação dos dois esposos.

Era o defuncto rei commandante em chefe do exercito activo da Servia, Cavalleiro da Aguia Negra, da Ordem de Santo André, dos Seraphins, do Elephante, etc.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1888-1889

Obras no theatro — Corredores lateraes inferiores.— Companhia lyrica de canto e baile. — Operas e danças que foram á scena — Recitas extraordinarias de Maria Van-Zandt. — Elevação de preços. — Operas novas: *Lakmé*, de Delibes; *Otello*, de Verdi. — Concertos em S. Carlos — Artistas mais notaveis. — Maria Van-Zandt. — Eva Tetrazzini. — Mattia Battistini. — Augusto Brogi — Arthur Napoleão — Novos cantores portuguezes. — Francisco de Sousa Coutinho, barytono, Joaquim Tavares tenor. — O carnaval de 1889 em S. Carlos — Episodios carnavalescos de Luiz Gama. — Concertos classicos no salão do theatro de D Maria II. — A opera *Flavia*, de Adolpho Sauvinet, no salão do theatro da Trindade. — Banquete no theatro de S Carlos, dado pela Associação dos advogados ao congresso juridico — Abertura de concurso para adjudicação do theatro de S. Carlos, por 5 annos — O programma.— Campos Valdez, unico concorrente — É-lhe adjudicado o theatro.— A gerencia de Campos Valdez nos ultimos annos.—Auxilios prestados pelo governo — Illuminação gratuita. — A decadencia do theatro precipita-se, apesar das celebridades artisticas.— Morte repentina de Campos Valdez em Pariz.

Houve no verão de 1888 obras no theatro de S. Carlos; pode dizer-se que o edificio está sempre em obras, que dão que fazer porque elle é de rija solidez; cada janella ou porta que lhe teem aberto nas espessas paredes tem dado que fazer aos canteiros e pedreiros: como já mais de uma vez dissémos a sonoridade tem diminuido com muitas das obras ali feitas; o que sempre tem augmentado é a despeza. N'este anno a mais importante obra executada foi o prolongamento, até á caixa do theatro, do tunnel existente por baixo do largo do Picadeiro, onde estavam, e estão, os urinóes e retretes, bem como o dos corredores que conduzem á caixa e ás entradas lateraes e anteriores da plateia, do lado occidental e oriental; ficando todas estas arterias desobstruidas de degraus e voltas, correndo em linhas rectas do norte ao sul e em rampa.

O governo n'este anno, comprou, aos herdeiros de Antonio José de Andrade, o predio contiguo ao theatro de S. Carlos, do lado do Sul, deitando para a rua Serpa Pinto, para ali estabelecer diversas installações e serviços do theatro. Dispendeu o estado com o theatro de S. Carlos, no anno de 1888-1889, a enorme quantia de 94:986$250 reis, que se decompõe nas seguintes verbas:

Subsidio votado pelas Côrtes..	25:000$000
Obras no edificio do theatro...	17 395$345
Illuminação electrica..........	14:331$405
Expropriação do predio aos herdeiros de Antonio José de Andrade....................	38:259$500
	94:986$250

São officiaes as contas, que até aqui temos apresentado, relativamente ás despezas do estado com o theatro de S. Carlos. Não se póde, porém, garantir que não tenha havido outras verbas de despeza. E' possivel que outras quantias tenham sido gastas com o theatro, e que não chegassem ao nosso conhecimento, ou se achem englobadas, ou disfarçadas, em outras verbas de despezas não concernentes ao theatro.

A partir porém d'esta epocha, torna-se cada vez mais difficil, e por fim quasi impossivel, apurar com certeza o que o governo tem gasto com o theatro de S. Carlos; as ultimas contas publicadas, do ministerio das obras publicas, referem-se ao anno economico de 1888-1889. As contas das obras publicas, desde então, cada vez mais emmaranhadas, não permittem destrinçar o que se gastou no theatro de S. Carlos do que se dispendeu em outros serviços d'aquelle ministerio.

Figuraram no theatro de S. Carlos na estação de 1888 a 1889, os seguintes personagens:

Damas: Maria Van-Zandt, Eva Tetrazzini Campanini, Giuseppina Pasqua, Renée Vidal, Giulietta Millié, Regina Pacini, Carolina Garagnani, Giulia Prandi, Alice del Bruno, Bianca Bario, Lamberti (comprimaria).

Tenores: Achille Degenne, Francesco Signorini, Giuseppe Migliori, Augusto Brogi, Fernando Valero, Giovanni Paroli (comprimario), Enrico Durini (comprimario).

Barytonos: Emilio de Bernis, Mattia Battistini, Treite Wilmant, Filippo Fraziosi (buffo), D. Francisco de Sousa Coutinho.

Baixos: Paolo Méroles, Ettore Borucchia, Medini, Giovanni Soldá (comprimario).

Choreographo: Felter.

Bailarinas: Des Marais, Riva.

Maestros; Cleofonte Campanini, Arturo Pontecchi, Alberto Sarti (dos córos).

Eis o reportorio da epocha de 1888-1889.

Aida, de Verdi, em 28 de outubro de 1888, por Eva Tetrazzini, Renée Vidal, (e depois Giuseppina Pasqua), Giuseppe Migliori, (e depois Francesco Signorini), Emilio de Bernis (e depois Wilmant), Ettore Borucchia, Medini, Durini.

Il Trovatore, de Verdi, em 30 de outubro de 1888, por Tetrazzini, Renée Vidal, Bianca Bario, Francesco Signorini, Bernis, Borucchia, Durini, Ghidotti.

Ernani, de Verdi, em 31 de outubro de 1888, por Giulietta Millié, Bianca, Migliori, Mattia Battistini, Paolo Méroles, Durini, Ghidotti.

Mignon, d'Ambroise Thomas, em 9 de novembro, em que cantaram: Regina Pacini, (e depois Maria Van-Zandt), Carolina Garagnani, Giulia Prandi, Achille Degenne, Meroles, Giovanni Paroli, Soldá. Ghidotti.

Ruy Blas, de Marchetti, em 14 de novembro, por Tetrazzini, Prandi, Lamberti, Signorini, Battistini, Borucchia, Durini, Soldá, Ghidotti.

Fausto, de Gounod, em 17 de novembro, por Tetrazzini. Prandi. Bianca, Degenne, Battistini, (e depois D. Francisco de Sousa Coutinho), Méroles, Soldá.

Lucia di Lammermoor, de Donizetti, em 22 de novembro, por Pacini, Lamberti, Signorini, Wilmant, Borucchia, Durini, Ghidotti.

Maria di Rohan, de Donizetti, em 29 de novembro, por Tetrazzini, Prandi, Migliori, Battistini.

I Puritani, de Bellini, em 30 de novembro, por Pacini, Lamberti, Degenne, Wilmant, Méroles, Durini, Soldá.

La Gioconda, de Ponchielli, em 4 de dezembro, por Tetrazzini, Pasqua, Vidal, Signorini, Wilmant, Borucchia, Durini, Soldá, Ghidotti.

Il Profeta, de Meyerbeer, em 7 de dezembro, por Vidal, Garagnani, Augusto Brogi, Paroli, Méroles, Borucchia, Bernis, Durini, Ghidotti.

Dinorah, de Meyerbeer, em 14 de dezembro, por Maria Van-Zandt, Prandi, Bianca, Paroli, Battistini, Borucchia, Durini.

Sonnambula, de Bellini, em 16 de dezembro,

Casamento da Princeza das Asturias

S. A. R. A PRINCEZA DAS ASTURIAS

S. A. O INFANTE DON CARLOS DE BORBÓN Y BORBÓN

MONUMENTO A CANOVAS DEL CASTILLO, NA PRAÇA DO SENADO, EM MADRID
INAUGURADO EM 1 DE JANEIRO DE 1901

CONSELHEIRO DR. DUARTE GUSTAVO NOGUEIRA SOARES
FALLECIDO EM 15 DO CORRENTE

HENRIQUE DE MENDIA
FALLECIDO EM 17 DO CORRENTE

por Pacini, Bianca, Lamberti, Degenne, Méroles, Soldá, Ghidotti.

Fra-Diavolo, de Auber, em 22 de dezembro, por Van-Zandt, Prandi, Degenne, Bernis, Borucchia, Filippo Fraziosi, Soldá, Durini.

Il Barbiere di Siviglia, de Rossini, em 31 de dezembro, por Van-Zandt (e depois Pacini), Lamberti, Degenne, Battistini, Fraziosi, Soldá, Ghidotti.

Lakmé, de Léo Delibes, em 15 de janeiro de 1889, por Van Zandt, (e depois Pacini), Alice del Bruno, Degenne, Bernis, Borucchia, Durini.

Crispino e la Comare, dos irmãos Ricci, em 19 de janeiro, por Pacini, Lamberti, Paroli, Fraziosi, Wilmant, Durini, Soldá. Cantou Pacini a valsa *Insolita*, de Strakosch.

I Capuletti e Montecchi, de Bellini, em 1 de fevereiro de 1889, por Pasqua, Garagnani, Paroli, Durini e Soldá.

D. Branca, de Keil, em 5 de fevereiro, por Tetrazzini, Bruno, Prandi, Bianca, Brogi, Battistini, Méroles, Ghidotti, Durini, Foresti.

Hamlet, de Ambroise Thomas, em 21 de fevereiro, por Pacini, Pasqua, Battistini, Borucchia, Paroli, Durini, Medini, Soldá, Ghidotti.

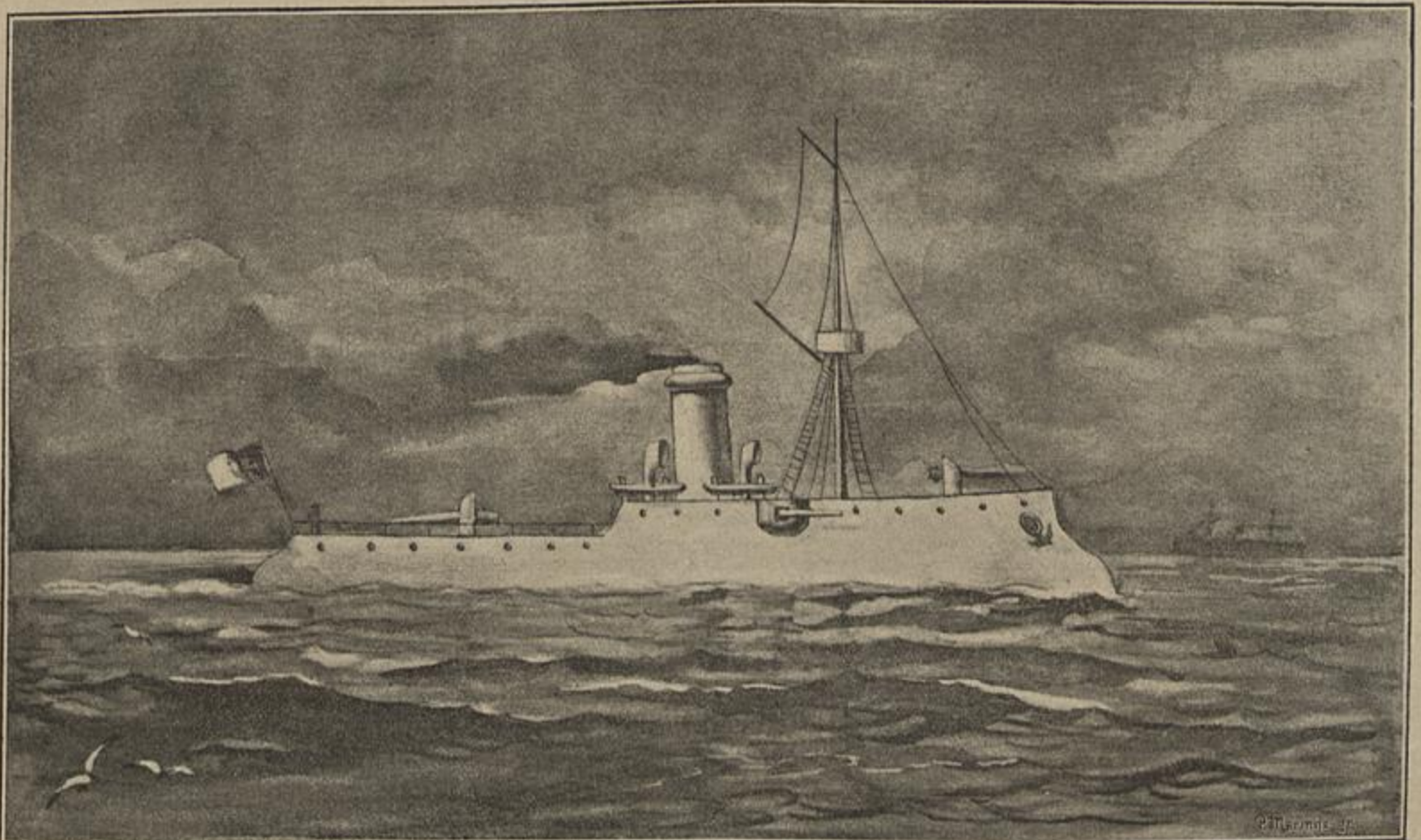
Carmen, de Bizet, em 8 de março, por Pasqua, Garagnani, Del Bruno, Bianca, Fernando Valero, Wilmant, Borucchia, Paroli, Durini, Soldá.

Otello, de Verdi, em 23 de março, por Tetrazzini, Prandi, Brogi, Battistini, Paroli, Méroles, Durini, Soldá, Ghidotti.

I pescatori di perle, de Bizet, em 3 de abril, por Pacini, Valero, Boruchia, Soldá.

Subiram tres pequenos bailes á scena n'esta epocha:

Divertissement, de Felter, por Des Marais, Riva e corpo de baile em 13 de novembro de 1888.

Novo divertissement, idem, em 6 de fevereiro de 1889.

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — O NOVO CRUZADOR «PATRIA

Dança carnavalesca, idem, em 3 de março de 1889.

Houve 10 recitas extraordinarias em que cantou Maria Van-Zandt, com elevação de preços, os quaes foram os seguintes:

Frizas, cada recita	15$000
Camarotes de 1.ª ordem	16$000
» 2.ª »	9$000
» 3.ª »	6$000
Torrinhas	3$600
Cadeiras da superior	2$250
Geral	1$200
Galerias	$600
Varandas	$400
Entrada	$300

Os espectaculos d'estas recitas extraordinarias foram os seguintes:

1.ª recita em 10 de dezembro de 1888, opera *Mignon*, de Ambroise Thomas.
2.ª » em 14 de dezembro, opera *Dinorah*, de Meyerbeer.
3.ª » em 22 de dezembro, opera *Fra Diavolo*, de Auber. Cantou tambem Maria Van-Zandt o *bolero das Vesperas sicilianas*, de Verdi, e a valsa de *Giulietta e Romeo*, de Gounod.
4.ª » em 24 de dezembro, opera *Fra-Diavolo*, de Auber. Cantou Van Zandt as valsas de *Dinorah* e de *Giulietta e Romeo*.
5.ª » em 31 de dezembro, opera *Il Barbiere di Siviglia*, de Rossini. Cantou Van-Zandt tambem a valsa *l'Eco*, de Eckert, e *Si vous n'avez rien à me dire* (bluette), de M.me Rotschild, e valsa de *Giulietta e Romeo*.
6.ª » em 4 de janeiro de 1889, opera *Il Barbiere di Siviglia*. Cantou Van-Zandt *couplets de Mysoli* da opera *La perle du Brésil*, de Felicien David, e *Farfalla*, valsa de Etter Gelli.
7.ª » em 15 de janeiro de 1889, opera *Lakmé*, de Léo Delibes.
8.ª » em 18 de janeiro, opera *Lakmé*, e *divertissement*.
9.ª » em 24 de janeiro, idem.
10.ª » em 26 de janeiro, idem.

Cantou tambem a Van-Zandt em duas recitas de assignatura ordinaria, gratuitamente para os assignantes; na das recitas pares cantou a opera *Mignon*, e na das impares a opera *Lakmé*.

Em despedida cantou em mais uma recita extraordinaria, em 29 de janeiro de 1889: 2.º acto da opera *Lakmé*, 2.º acto da opera *Mignon*, 3.º acto do opera *Il Barbiere di Siviglia*, couplets de *Mysoli* da opera *La perle du Brésil*, *valsa* de Augusto Machado. Terminou o espectaculo um *divertissement*.

(Continua) *Francisco da Fonseca Benevides*.

QUESTÕES SOCIAES

(DA EDUCAÇÃO)

Diz-se, e merece fóros de maxima, que: «o que o berço dá a tumba o leva». Ninguem, ao ouvir pronunciar esta phrase de enunciado simples, deixa de compenetrar-se da sua verdade.

Assim como está hoje scientificamente demonstrada a transmissão pela hereditariedade de muitas molestias, egualmente a razão acceita sem relutancia que a má educação ministrada á infancia constitue doença de que mais tarde se enferma.

Se as terras não são adubadas convenientemente, torna-se difficil a germinação e desenvolvimento das plantas e até se nullifica.

Se as mães são fracas de corpo e enfesadas de espirito moralmente, transmittem no leite o virus deleterio e depois com o exemplo, são modelos pessimos para ensinamento.

E' nas primeiras idades que se formam as naturezas e os caracteres, como é mister conhecer as letras alphabeticas antes de emprehender leituras.

E' actualmente muito vulgar entre nós formular accusações contra o estado social do paiz, e elogiar constantemente tudo quanto adotam os estrangeiros. Isto indica-me claramente a disposição geral quasi, de procurar encobrir com discursos nem sempre apropriados, a falta d'acção e de iniciativa, bastante parenta da cobardia e a pouca distancia do vicio.

Que importa, de facto, apregoar as coisas boas de nações estranhas, quando se não é capaz de abrir mão, em nossa casa, das que reconhecemos nocivas?

Se houvesse proposito firme e boa vontade de encaminhar melhor em Portugal a mocidade, ha muito já que teriamos visto começar por se corrigir a si proprios, muitos que só falam no mal, talvez para armarem ao effeito, mas que permanecem com os mesmos defeitos por elles notados aos outros.

A educação é o unico meio de alcançar o bem de cada individuo como de cada povo.

Ha porém uma differença: é que se ella fôr baseada em principios falsos e tiver como adeptos mentores pouco escrupulosos, a ruina é certissima e innevitavel.

Aos chefes de familia compete especialmente a direcção superior do lar domestico, e impõe-se a grave responsabilidade de guiar no caminho do bem os pequenos seres confiados por Deus á sua guarda.

E dôce de ouvir o nome de pae, proferido por uns labiosinhos encantadores, n'uma linguagem ainda muito incerta e confusa; mas é preciso tambem não nos deixarmos enlevar nos gorgeios infantis dos filhos queridos, e não descurar a obrigação sagrada e imperiosa de lhes preparar desde logo, pela pratica dos nossos actos, a escola mais sã de toda a existencia.

Não existe no mundo poder maior e menos vexatorio do que o do bom exemplo, como educador.

Aquelle que viver sempre no meio de pessoas morigeradas, caritativas, entregues ao trabalho; que em casa vir reinar entre seus paes harmonia completa e respeito mutuo e no exterior auxilio franco e amizade reciproca, raramente sairá um mau homem ou um cidadão detestavel.

E como o poderá ser se os seus olhos viram continuamente boas obras?

A historia ahi está, ampla de milhares de factos que aduzidos, testificariam a minha affirmação; mas, para que pedir ás suas paginas o convencimento d'aquillo a que bastam o simples raciocinio e a logica?

O amor excessivo do luxo, a falta de governo na vida intima, o vicio do jogo e da embriaguez são factores tremendos de decadencia e de definhamento nas raças, a cujo alastramento só pode oppôr-se com probabilidades de triumpho o brio e a energia da dignidade.

Os progressos brilhantes das civilisações adiantadas, os passos agigantados na evolução das sociedades, para terem valor real e indiscutivel, carecem de bases seguras e de solidos sustentaculos, e taes bases e sustentaculos só os dá uma boa educação preparatoria, seguida de administração séria por parte dos governos e dos dirigentes. Bem sei que a politica portugueza—pseudo-politica!—se incumbe de obstar as consequencias salutares ulteriores que, sem as suas intrigas, viriam reflectir-se largamente no campo da actividade pelos bons filhos de paes exemplares; mas, ainda, haja energia e firmeza, porque tudo quanto é vil e immundo nos meios e processos artificiosos dos partidos militantes não logrará resistir a luz da verdade, em que não ha intermittencias de menos franqueza nem de menos lealdade.

Um dos males nossos nos tempos que vão decorrendo é a tibieza e pouca intensidade no sentimento religioso.

Nenhuma sociedade consegue permanecer fórte por largos seculos sem crenças vigorosas e puras.

O homem a quem falta em absoluto a noção de Deus é tanto ou mais perigoso do que o raio que rompe a nuvem e perpassa em carreira vertiginosa. Apto para quanto representa um attentado se a sua indole é perversa, trilhando na vida a senda do crime, ainda depois da morte fica sendo opprobrio e vergonha eterna da familia.

O Evangelho encerra thesouros sem cessar viçosos de verdade altissima e descobre segredos surprehendentes ás almas piedosas que confiam na sua palavra e esperam a graça divina.

Onde quer que existam homens formando sociedade, se elles cuidarem da educação de seus filhos, habituando os a olhar o céu estrelado acima de suas frontesinhas, assegurar-lhes hão um futuro prospero e para suas consciencias no instante supremo do passamento, paz tranquilla.

Na quarta feira, 30 de dezembro de 1896, Baldomero Ibanez, réu condemnado á pena de morte, pronunciou estas palavras de alto valor dirigindo-se ao publico em Bilbao, Hespanha, já sobre o patibulo, momentos antes de ser executado:

«Que os paes eduquem bem os seus filhos, para que se não vejam em tão horrivel transe. Eu encontro-me aqui pelos meus vicios».

Confissão fundamentalmente nobre, testemunho authentico de dignidade essencial da alma humana, semelhantes phrases são uma verdadeira aurora de luz inconfundivel remindo porventura diante de Deus a consciencia do infeliz sentenciado e revestindo a magestade e imponencia que transformam até mesmo a scena ignobil de supplicio n'um cadafalso infamante, em cathedra solemne de ensinamento precioso e em espelho magnifico para lição dos povos.

Registei as palavras de Ibanez para hora opportuna e hoje, que o nosso Portugal vae descendo a passos de gigante para o pelago aborrido da váza do crime e da immoralidade triumphantes é occasião de repetil-as entregando-as de novo á publicidade.

«Que os paes eduquem bem seus filhos, para que se não vejam em tão horrivel transe!» sim: a educação constitue o elemento de força primordial na vida psychologica da humanidade. Ao vir ao mundo somos positivamente um diamante em bruto.

Se não houver lapidario que se acerque da creança incutindo-lhe com doçura sanidades moraes no animo e acendrando-lhe a vontade na antipathia do mau, o homem em que mais tarde se tornará tal creança rarissimas vezes deixará de ser um typo hediondo nos vicios e per goso no proprio halito.

Pelo contrario, se as suas faculdades forem despertando lentamente no regaço honesto do amor puro maternal e na atmosphera insinuante dos exemplos de honra, habituando-se ao mesmo tempo a genuflectir com devoção religiosa, contar-se-ha na sociedade a que pertencer um ente mais digno de benção e de cotação intrinseca na utilidade suggestiva.

«Em duas azas o homem se levanta das coisas terrenas, isto é, a simplicidade e a pureza» —disse o anonymo inimitavel que deu ao mundo aquella maravilha que se chama *Da Imitação de Christo*, e é no sentido de ministrar ás creanças os meios de possuil-as quando adultas que devem conduzir-se os educadores da infancia.

«O sagrado enthusiasmo da verdade e da virtude, escreveu F. Huet na obra philosophica *La Science de l'Esprit*, a aspiração ardente do Ideal, se soubessemos ligar estas coisas á sua origem, ellas patentearíam outras tantas faces do amor de Deus».

E logo na pagina seguinte continuou o notavel auctor: «O sentimento religioso póde só por si desenvolver todo o poder do coração e communicar aos outros sentimentos alguma coisa de sua grandeza e de sua elevação».

E' pela religião que deve iniciar-se o ministerio educativo da infancia: a primeira palavra que seria mister que as creancinhas aprendessem a balbuciar fôra o nome de Deus, pae e mãe incomparavel, tão superior aos progenitores terrenos quanto o infinito é sobranceiro ao nada.

Um francez eminente, ha pouco arrebatado á sua patria e á civilisação universal pela garra da morte, Jules Simon, cuja hombridade de caracter ninguem pôz em duvida e cujo saber profundo ninguem contestou, disse, a proposito d'uma discussão parlamentar na parte d'um capitulo de que é subtitulo *L'Ecole sans Dieu*: «Enfin, on déclarait officiellement du haut de la tribune que parler de Dieu, sans spécifier s'il s'agit du Dieu des chrétiens, ou de celui des juifs, ou de celui des mahométans, c'est commettre une équivoque, et que l'introduction de ce mot dans une loi est un danger public.

Oh! ceux qui parlaient ainsi ne s'y connaissaient pas en philosophie, c'est évident. Ils ne s'y connaissaient pas, non plus, en danger public».

Semelhante linguagem luminosa e perfeitamente comprehensivel e empolgante mostra bem que o finado ex-ministro da França não era d'aquelles politicos de quem se podesse affirmar como P. Lanfrey asseverou de Thiers no livro *Etudes et portraits politiques*: «Les affaires lui cachent l'humanité».

E justamente por se interessar pela causa da humanidade é que Jules Simon proclamava que se não abolisse do ensino das escolas o nome sublime da Divindade.

Elle queria que as creanças ao erguer os olhos para a abobada estrellada, soubessem soletrar em cada scintillação de astro o significado ineffavel da palavra Deus

D'esta maneira intentava com civismo exemplar preparar a infancia nas aulas para que na idade responsavel antes preferisse alongar a vista para o Alto do que como o porco, ser baixa de vista e chafurdar na lama das tabernas e na orgia dos bordeis.

Guerra ás tabernas, dentro da legalidade e na esphera logica do bom senso! campanha intransigente, sem treguas contra o luxo! são estas as fórmas unicas no processo philanthropico de melhorar a sociedade.

Cabe n'este ponto immensa parte á acção hygienica dos governos e não menor influencia á intervenção sensata das iniciativas particulares.

«Le cabaret, ce pandémonium du travailleur dans les dernières couches de la société, como definiu magistralmente Ernest Vinet, le cabaret, cette source de crimes» é um reducto temivel de perversão onde se anniquilam os ultimos sentimentos puros do desgraçado vicioso e de cujos antros putrefactos são arrojados cá para fóra o incendiario declamador e truão, o assassino cobarde e o canalha.

O luxo é tambem fonte lidima para tudo isso, e é sarcasmo de ironias, ergastulo de miserias, fanal embriagante de virgens cujas flôres desbota, escancarando-lhes a porta lubrica do lupanar.

Que fracos governos os do meu paiz! que cabeças ocas as de tantos peralvilhos que para ahi ostentam suas proprias mulheres com jaez caro, á imitação de cavallos, despertando appetites condemnaveis e desafiando cubiça infamante na sensualidade indigena!

Que pusillanimidade, que contractos attentatorios do brio nacional, que ausencia de energia em tudo!

Faz lembrar aquelle quadro derradeiro de Balthasar nas scenas impudicas do indigno finalizar de Babylonia.

Ah! quão estamos carecendo da apparição libertadora d'um Cyro varonil, que nos désse a educação do dever e fosse espelho salutar na suggestão do bom exemplo!

D. Francisco de Noronha.

O OUTOMNO DE 1900

N'um artigo recente, publicado n'esta mesma revista, tinhamos indicado que o verão de 1900, em comparação com o normal, tinha sido de uma grande suavidade, rara do nosso clima.

Como continuação, vamos agora referir-nos ao outomno do mesmo anno, mencionando o que, n'elle, houve de importante a ser apontado.

Para methodo de exposição, especifiquemos cada mez de per si, e indiquemos, em cada um d'elles, o que de notavel ha a considerar.

Outubro. — Como continuação do regimen iniciado nos fins de setembro, os primeiros dias de outubro foram caracterisados por um tempo abafadiço, mas de temperatura normal.

A partir de 7, porém, o vento rondou para NE, elevando-se a columna thermometrica, em 10, a 28°,4 á sombra, com indicios de approximação de trovoada. No emtanto, sobre a capital, apenas cahiram uns ligeiros chuviscos, mas sufficientes para attenuar o calor insupportavel que reinava ha dias.

A baixa thermometrica começou a manifestar-se, primeiramente, de uma forma pouco notoria até ao dia 22; em seguida, rapidamente, na noute de 22 para 23. A maxima que em 22, attingira 19°,0 era em 23, de 13°,9. No dia seguinte, o thermometro accusava ás 9 horas da manhã, 8°,0 acima de zero, sendo a minima de 6°,3, a mais baixa conhecida n'este mez. E' por este facto que o mez de outubro de 1900 se tornou notavel.

Apoz um resfriamento tão subito, era de esperar uma alta egualmente sensivel na columna thermometrica. Foi o que succedeu, attingindo a maxima em 30, 21°,7 com vento do quadrante sueste.

Novembro. — Começou em 1, a quadra dos nevoeiros que nos não abandonou até 4. A partir d'este dia, o tempo conservou-se nublado, com pequenas chuvas e temperatura ideal. A partir de 17, porem, uma ventania forte do N fez baixar a temperatura a um nivel um pouco inferior á normal, começando em 23, os ventos de SW que nos trouxeram chuvas abundantes até ao fim do mez.

Dezembro. — Começou egualmente por nevoeiros intensissimos, como de ha muito tempo, não havia exemplo em Lisboa, chegando-se a não se vêr cousa alguma a um metro de distancia. Em virtude d'este facto, a altura thermometrica foi baixando, sendo, durante a semana de 9 a 16, as temperaturas minimas: Em 9 de 6°,2, em 10 de 6°,6, em 11 de 5°,6, em 12 de 6°,3, em 13 de 6°,2 em 14 de 6°,1, e em 15 de 6°,8. Durante estes dias, a pressão manteve-se sempre alta. Desde 17, embora o vento soprasse do NE, começou o regimen chuvoso. Em 18, o pluviometro accusou 24mm,2 de agua. A temperatura, por este facto, elevou-se bastante.

As maximas foram, a partir de 22, as seguintes: Em 22 de 16°,8, em 23 e 24 de 16°,1, em 25 de 15°,2, em 26 de 15°,7, em 27 de 15°,6, em 28 de 17°,2, em 29 de 17°,5, e em 30 de 15°,7.

* * *

Eis um quadro resumindo as observações que durante o anno de 1900, foram realisadas no Observatorio de D. Luiz.

Mezes	Numero de dias: Bom tempo	Nublado	Encoberto	Chuva	Quantidade de chuva	Numero de dias: Relampagos	Trovões	Trovoada	Temperaturas extremas
Janeiro	18	11	2	13	50mm,4	-	-	-	16°,8 - 2°,8
Fevereiro	1	18	9	25	152,7	-	2	-	17°,9 - 5°,6
Março	10	17	4	13	37,3	1	2	-	19°,1 - 5°,3
Abril	9	21	-	13	95,2	1	2	1	20°,4 - 7°,9
Maio	14	16	1	15	128,9	-	-	1	30°,3 - 10°,1
Junho	23	7	-	2	4,9	-	-	-	29°,6 - 12°,2
Julho	23	6	2	1	0,2	4	2	-	34°,6 - 14°,7
Agosto	22	8	1	3	46,2	-	-	-	30°,9 - 14°,7
Setembro	10	20	-	5	11,4	5	1	-	32°,4 - 14°,2
Outubro	14	17	-	14	20,0	1	1	-	28°,4 - 6°,3
Novembro	10	17	3	17	65,6	1	1	-	19°,7 - 6°
Dezembro	13	13	5	19	73,3	-	-	-	17°,5 - 5°,6
Total	167	171	27	140	686m,1	13	11	3	34°,6 - 2°,8

O numero de dias de chuvas foi de 140, superior á media (119) dos dias que annualmente chove em Lisboa; em compensação a quantidade de agua que cahiu (686mm,1) é inferior á media de 745mm,4, encontrada pelo distincto engenheiro sr. Gerard Pevy, que desenvolvidamente sé occupou d'este assumpto.

Segundo o que o mesmo senhor nos indica, concluimos que, no anno de 1900, os dias de bom tempo e os de trovoada foram egualmente superiores á media.

Em tudo quanto de notavel, mais nos apresenta o anno de 1900, a analyse do quadro que publicamos é sufficiente para nol o indicar.

30-1-901. *Antonio A. O. Machado.*

O SENHOR FRANCISCO

(RECORDAÇÕES DE 1848)

POR

Ivan Turgeniew

(Concluido do numero antecedente)

Pouco tempo antes do dia 24 de fevereiro de 1848, parti para a Belgica, e foi em Bruxellas que tive noticia da revolução que de novo rebentára em França. Lembro-me de que houve um dia em que ninguem recebeu de Paris cartas nem jornaes. Os habitantes affluiram ás ruas e praças publicas, devorados por anciosa espectativa. A 26 de fevereiro, pelas seis horas da manhã, estava eu ainda deitado, no hotel, mas não dormia. De subito, abre-se a porta de par em par, e grita alguem, em altos berros: «Temos a republica em França!» Supondo não ter ouvido bem, salto da cama abaixo, e saio pela porta fóra. Pelo corredor ia de corrida um moço do hotel, abrindo as portas da esquerda e da direita e largando em cada quarto aquella exclamação fulminante. Decorrida meia hora, já eu estava vestido e calçado, de malas feitas, e o caminho de ferro levava-me para Paris. Tinham levantado os carris na fronteira; tanto eu como os meus companheiros de viagem tivemos assás que trabalhar para ir até Douay n'um trem de aluguer. A' tardinha, chegámos a Pontoise, e d'ali não passámos, porque os carris tambem tinham sido arrancados nas immediações de Paris.

Não cabe aqui o repetir tudo quanto vi, ouvi e experimentei durante a viagem: lembro-me apenas de que n'uma estação, passou por nós, de escantilhão e com formidavel estampido, uma locomotiva, levando atrelado um unico vagon. Era um trem expresso que levava para o Norte o commissario da republica, «o cidadão Antony Trouet». A gente que o acompanhava agitava bandeiras tricolores, fazia immensa gritaria, e os empregados da estação, mudos de espanto, seguiam com a vista o enorme, o immenso carão do commissario, debruçado na portinhola e erguendo os braços com ar auctoritario. Involuntariamente, accudiram-me á memoria os annos de 1793 e 1794. Lembro-me ainda de que, no vagon em que eu me installára, ia tambem a demasiado notoria madame Gordon, a qual, sem mais nem menos, entrou a prégar-nos um sermão sobre a urgencia que havia em recorrer ao «principe». O principe era o unico que tudo podia salvar; o principe era o homem designado pelo destino. A principio, ninguem a entendia, mas quando, por fim, proferiu o nome de Luiz Napoleão, todos á uma lhe voltaram costas, tomando-a por doida. E comtudo, passáram-me pela ideia as palavras que eu ouvira ao senhor Francisco com referencia aos Bonapartes; cumprira-se o seu primeiro vaticinio! Antes de chegarmos a Pontoise, recordo-me de que houve um choque entre o nosso trem e outro que vinha em sentido contrario. Houve feridos; mas ninguem fez caso; o pensamento unico que a todos accudiu, foi o seguinte: Poder-se-ha seguir caminho? Assim que abalou o trem, os viajantes puzeram-se todos a discursar, a qual melhor. Todos, com excepção d'um velhito de cabellos brancos, o qual, desde a estação de Douay ia aninhado em um canto do vagon, e não cessava de repetir em voz baixa: «Está tudo perdido, tudo perdido!»

Passarei por alto as commoções que á minha entrada em Paris me assaltaram assim que vi os cócares tricolores nos chapeus, nos bonés, e nas proprias taboletas; depois, homens de blusa derrubando barricadas, de espingarda a tiracolo e entoando a *Marselheza*. Passei todo aquelle dia como que em continua vertigem. No dia seguinte, segundo tinha por costume, fui almoçar ao Palais-Royal. Não encontrei o senhor Francisco; tive, porem, occasião de verificar que o seu presentimento, ao annunciar que haveria sangue derramado na visinhança, se realisára. É sabido que o unico combate sério dos dias de fevereiro teve por theatro a praça do Palais-Royal... Nos dias immediatos nem rastos do senhor Francisco. A primeira vez que o avistei foi a 17 de março, no mesmo dia em que uma immensa chusma de operarios foi á Casa da Camara, afim de protestar contra a manifestação que ficou conhecida pela designação — «*das barretinas de pelles*».

A badalar com os braços, e dando grandes pernadas, muito agil e lampeiro, elle lá ia, marchando de cambulhada com a turba-multa, e arvorando no chapeu cocar vermelho. Cruzaram-se os nossos olhares; fez que me não conhecia, comquanto se voltasse para mim, como que em ar de bravata:

— «Sim senhor, sou eu» — parecia dizer-me, e entrou a berrar escancarando muito a cavernosa bocca.

A outra vez que o vi foi ao theatro — Cantou a Rachel a *Marselheza*, com aquella sua voz sepulcral. Estava elle na plateia, na zona em que costuma sentar-se a *cláque*. N'aquella occasião não gritava nem applaudia. Cruzado os braços sobre o peito, mirava a cantora com attenção feroz, quando, esta, envolta nas prégas do estandarte, encitava os cidadãos a «derramar um sangue impuro».

Não posso affirmar com certeza se tornei, ou não, a ver o senhor Francisco; no dia 15 de maio, por entre as ondas do povinho que atravessou a praça da Magdalena para ir invadir a camara dos representantes. Estou quasi em dizer que conheci aquella voz tão singular, a um tempo abafada, e retumbante, entre os brados de «viva a Polonia»! Nos primeiros dias de junho, eis, porém, que de subito, me surge na frente o senhor Francisco, no tal café do Palais-Royal. Saudou-me; estendeu-me até a mão, coisa que até ali nunca tinha feito; mas não se assentou á minha meza, como que envergonhado por causa do casaco, o qual effectivamente cahia a pedaços e do chapeu acoxichado. Parecia devoral-o uma especie de impaciencia inquieta; tinha as faces ainda mais lividas, léves convulsões lhe percorriam os labios e todo o rosto; os olhos, vermelhos, desappareciam por detraz dos oculos, que elle estava continuamente a fixar no nariz, com a mão muito aberta, como se quizéra esconder-se. Pude, então, convencer-me d'aquillo que eu já suspeitava. Os oculos tinham vidros sem grau, que para nada lhe serviam, a não ser, como se dissessemos, de mascara.

Uma anciedade triste, essa anciedade privativa dos vagabundos, sém pão e sem couto, lia-se em todo o seu ser. Espantava-me o aspecto miserando de tão enigmatica personagem. Se é accaso um agente, dizia, de mim para mim, a que attribuir tanta pobreza? Se o não é, como se explica a vida que leva?

Dispunha-me a recordar-lhe aquelles seus vaticinios.

—Sim, sim, murmurou com febril precipitação, isso tudo já pertence á historia.

Mas o senhor, não tenciona voltar outra vez para a sua Russia? Ou ficará ainda por cá?

—E porque não hei de ficar?

—Isso é lá com o senhor. Mas, não sabe que, d'aqui a nada, estamos lhe a fazer guerra.

A nós?

—Aos senhores, sim:—Precisamos de gloria, de muita gloria. A guerra com a Russia é inevitavel.

—Com a Russia? E porque não hade ser com qualquer outra nação?

—Nada, nada, hade ser com a Russia. O senhor está novo ainda, hade ver isso tudo. Quanto á republica (e fez com a mão um gesto incisivo), está de cangalhas.—As officinas nacionaes, exclamou com subita animação, as officinas nacionaes! ja lá esteve, já as viu? E como elles, no párque de Moncaux, acarretam a terra d'um lado para o outro?

E d'ahi é que tudo ha de vir!... E o sangue que hade custar!... um mar de sangue!—Que situação; prevér tudo, e não poder nada! não, ser coisa nenhuma! coisa nenhuma! Abraçar tudo (e afastou com gesto largo as mãos ambas, exhibindo as mangas rôtas e dependuradas,—e, comtudo, não se desfizera do anel de brazão: lá estava ainda enfiado no dedo) abraçar tudo e não apertar coisa nenhuma, coisa nenhuma... nem mesmo um bocado de pão!»

Estavamos na vespera do dia 5 de junho.

«As eleições de ámanhã, adduziu com precipitação, como se não quizesse deter-se com o pensamento préviamente enunciado, são tambem muito importantes.»

O senhor Francisco designou-me pelos respectivos nomes os deputados que viriam certamente a ser eleitos pelos parisienses. Chegou mesmo a indicar-me o numero approximado de votos que recolheria cada um d'elles. Figurava entre esses nomes o de Caussidière, a quem o senhor Francisco concedia o primeiro logar.

— Apezar do dia 5 de maio? perguntei.

O senhor Francisco soltou um amargo suspiro.

—Suppõe que o designo pelo facto de elle ter sido perfeito de policia?

Luiz Napoleão estava tambem incluido na lista.

—Esse vae na trazeira, observou o senhor Francisco; mas é quanto basta. Quando se sobe por uma escada, deve-se pôr o pé no ultimo degrau para chegar ao primeiro. Não tornei a ver o senhor Francisco desde essa occasião.

Ahi por 1850, tive que ir á egreja russa assistir ao casamento de um meu amigo. De repente, nem eu sei porquê, succedeu me pensar no senhor Francisco. Accudiu me desde logo á mente que, visto elle ter acertado com as outras profecias, não era muito para admirar que por mais uma vez fosse proféta; e, não pertencer effectivamente a este mundo. E d'ahi, decorridos alguns annos, tive occasião de convencer-me absolutamente da sua morte. Um dia, detraz do balcão de uma loja, avistei uma rapariga, a qual, apoz breve hesitação, reconheci ser a mesma que eu tinha visto, no jardim de Luxemburgo, em companhia do senhor Francisco, chorar bem amargamente. Decidi-me a recordar-lhe aquella scena. A principio, ficou toda assarapantada; mas, assim que percebeu do que era que se tratava, fez-se palida, e depois, subiu-lhe a côr ao rosto, e pediu-me que a não interrogasse a semelhante respeito.

— Sequer ao menos, lhe disse eu, diga-me: esse senhor está vivo ou morto?

A joven encarou muito comigo.

— Morreu — disse, afinal, e da morte que merecia. Era um mau homem... E d'ahi, era bem desgraçado, bem desgraçado.

Nada mais pude saber,—mas quem seria o tal senhor Francisco? A pergunta permaneceu no estado de enigma.

Ha umas certas aves maritimas que só apparecem durante a tempestade. Os inglezes dão-lhe o nome de *stormy petrels*. Vôam rasteiras nos ares turvos, tocando apenas com as azas as cristas das vagas furibundas, e desapparecem quando serena o tempo.

Haverá quem julgue encontrar n'esta breve narração vaticinios *á posteriori*. E' defeito que não posso corrigir; affirmo, porém, que a personagem á qual me refiro existiu realmente e que lhe ouvi as palavras que aqui reproduzo.

Pin-Sél.

Recebemos e agradecemos:

Poema do lar — *por J. Agostinho d'Oliveira — Com um preambulo de Gomes Leal e com o retrato do auctor — Editor — Antonio Figueirinhas — Porto — 1901.*

Apresentando o poema, Gomes Leal dispensa ao auctor palavras de muito incitamento e que attestam o talento do poeta, affirmando a grandiosidade do assumpto escolhido — a familia.

O auctor—é elle proprio que o declara—surprehende-se n'um estado psychopatico de desalento, de irrealisação do ideal, e n'uma familia typica, dois esposos talentosos e um filhinho gentil, vê a realisação da familia, como ella deve ser para constituir uma patria sã a ajuntar-se a outras que produzam uma humanidade feliz e gloriosa.

No primeiro estadio da sua dolorosa concentração descreve o poeta os seus soffrimentos intimos e logo o optimismo da vida que o exemplo da felicidade alvejada lhe suggere; no segundo previne a creança dos perigos futuros; no terceiro insinua que só a mãe o pode dirigir e salvar sem escolhos; nos ultimos volta-se ao optimismo do primeiro estadio.

Com os seus *ante preludio* e *post-escriptum* o *Poema do lar* é uma formosa trilogia, o que explica de certo modo a sua tenue unidade na forma e no assumpto.

Os versos são magnificos e o cantor desfere as mais harmoniosas cordas da lyra humana. Não é um demolidor, felizmente, acendra o bem humano, a paz, a doce calma.

A edição é luxuosa e faz honra ás officinas da Typographia Universal, do Porto, d'onde sahiu.

REI MILAN DA SERVIA — Fallecido em 11 do corrente

A Dama das Camelias *por Alexandre Dumas, filho—Traducção de Antonio Bandeira—Editor Francisco Pastor — Lisboa.*

Uma formosissima edição é a que temos presente. Nunca o conhecido romance *A Dama das Camelias* a teve mais aprimorada, nem mais luxuosa, por certo.

Este extraordinario romance tem fama consagrada em todos os paizes, ora no theatro posto em drama pelo mesmo auctor, ora nas multiplas edições. Pode considerar-se como o precursor dos modernos romances de coração. N'elle existe o mais suggestivo vulto de mulher apaixonada que a litteratura romantica conhece.

Não se chama, pois, a attenção para a obra litteraria, por demais apreciada entre nós, mas sim para a magnifica edição presente, feita no mais fino papel, com fundos artisticos, e a côres diversas em todas as paginas, com boas gravuras em madeira, e grande profusão de vinhetas, capa a côres, etc.

E sobretudo accrescem ainda a relativa modicidade do preço por que a obra é posta em assignatura, e a novidade da traducção, que, embora as houvesse já devidas a pennas auctorisadas, o editor julgou seu dever promover uma nova versão, que entregou aos cuidados de Antonio Bandeira, um nome vantajosamente conhecido em trabalhos congeneres.

Las aguas azoadas *y el manantial nitrogenado de fuente amargosa en Tolox (Málaga) pelo dr. Arturo Daza de Campos — Madrid, 1900.*

N'este volume trata o sr. dr. Daza de Campos de fazer uma monographia muito completa d'aquella estação thermal de Tolox, da qual tem a direcção clinica, obtida por concurso. No seu livro tomou por assumpto mais especialmente as aguas azotadas e o manancial nitrogenado alcalino, variedade ammoniacal da fonte amarga de Tolox, e amplia-o com innumeros dados sobre a descripção geographica, geologica, climatologica e aereographica, da flôra e da fauna do logar.

Além das respectivas analyses chimicas, faz o medico-director de Tolox um paralello das nascentes nitrogenadas, discreteando sobre as suas acções physiologicas e therapeuticas.

Embora réclamo áquella estancia balnear da peninsula, o trabalho de Daza de Campos é interessante e dá-nos a conhecer, pelo menos, a riqueza da região malaguenza em aguas mineraes, em que predomina o azote, pondo-as em circumstancias eguaes de apreço ás que merecem as celebradas estações thermaes de *Cauterets, Monte Dore, Ems, Nevenahr* e *Gleicheinbeq, Soden, Salzbrun*, etc. que se indicam como de aguas azotadas.